



O TURISMO RURAL NA AGRICULTURA FAMILIAR: UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Érica Paula Borri Ponsoni (IC)¹

Celso Costa Soares (IC)²

Antônio Carlos Chidichima (IC)³

Marlise Aparecida dos Santos (IC)⁴

Francieli Maria Vania Debona (IC)⁵

Wilson João Zonin (PQ)⁶

Irene Carniatto (PQ)⁷

Geysler Rogis Flor Bertolini (PQ)⁸

Resumo: A temática apresentada irá tratar do Turismo Rural na Agricultura Familiar, um estudo de caso realizado no Circuito Sabiá, com utilização da metodologia participativa, a mesma tem como principal objetivo propiciar aos extensionistas a vivência de um processo metodológico, fundamentado nos princípios da participação, do diálogo e troca de experiências, do planejamento participativo e da gestão social, capaz de orientar a sua prática junto aos agricultores familiares e outros atores sociais na implementação de estratégias de desenvolvimento rural sustentável. O estudo busca contemplar uma fundamentação teórica sobre desenvolvimento rural sustentável; turismo rural na agricultura familiar; agricultura familiar, ruralidade, empreendedorismo rural e metodologia participativa. Para análise dos indicadores, foi realizada uma entrevista semiestruturada, coletando informações com as famílias participantes do Circuito Sabiá, sendo um total de três famílias, no mês de março de 2013. O estudo baseou-se nos conceitos teóricos e na transcrição dos relatos vivenciados pelos proprietários rurais, utilizando a matriz FOFA como ferramenta para análise dos dados coletados. Conclui-se que para ter máxima qualidade e fazer uma gestão eficaz deve-se adotar uma ferramenta de gestão estratégica que consiga agrupar todas as variáveis da área rural.

Palavras Chave: Sustentabilidade; Turismo Rural; Agricultura Familiar; Metodologia Participativa.

Abstract: The issue at hand is will the Rural Tourism in Family Farming, a case study conducted at the Circuit wise, using the participatory methodology, the same has as main objective to provide extension the experience of a methodological process, based on the principles of participation, the dialogue and exchange of experiences, participatory planning and social management, able to guide their practice with family farmers and other social actors in the implementation of strategies for sustainable rural development. The study seeks to address a theoretical framework of sustainable rural development, rural tourism in family farming, family farming, rural life, rural entrepreneurship and participatory methodology. As a form of study, we performed a semi-structured interview, collecting information with families participants Circuit Sabiá, being a total of three families in the

¹ Docente da Faculdade Sul Brasil – FASUL, profericaborri@gmail.com. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – UNIOESTE - Campus Marechal Cândido do Rondon.

² Docente da Faculdade Sul Brasil – FASUL, celsomax@gmail.com. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – UNIOESTE - Campus Marechal Cândido do Rondon.

³ Docente da Faculdade Sul Brasil – FASUL, prof.chidichima@gmail.com. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – UNIOESTE - Campus Marechal Cândido do Rondon.

⁴ Docente da Faculdade Assis Gurgacz – FAG, marlise@fag.edu.br. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – UNIOESTE - Campus Marechal Cândido do Rondon.

⁵ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – UNIOESTE - Campus Marechal Cândido do Rondon, fran_debona@hotmail.com.

⁶ Professor Doutor do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – Unioeste - Campus Marechal Cândido do Rondon, e-mail wzonin@yahoo.com.br.

⁷ Professora Doutora do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – Unioeste - Campus Marechal Cândido do Rondon, e-mail irenecarniatto@gmail.com.

⁸ Prof. Doutor, pesquisador do Colegiado de Ciências Sociais Aplicadas da Unioeste, Campus de Cascavel – Pr. geysler.bertolini@unioeste.br



month of March 2013. The study was based on theoretical concepts and transcription of reports experienced by landowners using the SWOT matrix as a tool for data analysis. We conclude that for maximum quality and make effective management must adopt a strategic management tool that can group all the variables of the rural area.

Keywords: Sustainability, Rural Tourism, Agriculture Family; Participatory Methodology.

INTRODUÇÃO

O trabalho aborda uma temática relevante no contexto atual da agricultura familiar, o turismo rural que vem crescendo a nível nacional.

O Brasil, mundialmente, encontra-se na quarta posição quanto ao desenvolvimento da atividade do Turismo Rural, superado apenas para Espanha, Portugal e Argentina, respectivamente. São Paulo é o maior destino de Turismo Rural no Brasil, com 122 municípios que possuem produtos rurais em crescimento extraordinário nos últimos anos, porém novos destinos apresentam-se com destaque pelo empreendedorismo como é o caso do Rio Grande do Norte e Piauí.

O Serviço Brasileiro de apoio a Micro e Pequenas Empresas SEBRAE (2010) informa que no Brasil, este é o segmento que mais cresce, cerca de 30% ao ano. Segundo, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, só a atividade equestre movimenta 21 milhões de turistas ao ano e esta, segundo os Indicadores Paulista de Turismo Rural, representa somente 4,9% dos do Turismo Rural.

O estudo busca contemplar uma fundamentação teórica sobre desenvolvimento rural sustentável; turismo rural na agricultura familiar; agricultura familiar, ruralidade, empreendedorismo rural, metodologia participativa e Educação Ambiental. Como forma de estudo, foi realizada uma entrevista semiestruturada, coletando informações com as famílias participantes do Circuito Sabiá, sendo um total de três famílias, no mês de março de 2013. O estudo baseou-se nos conceitos teóricos e na transcrição dos relatos vivenciados pelos proprietários rurais, utilizando a matriz FOFA como ferramenta para análise dos dados coletados.

Aborda-se no artigo, um histórico da agricultura familiar, a prática do turismo rural, fazendo a relação com o Circuito Sabiá do município de Matelândia, Pr. Uma experiência real de educação ambiental.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

Uma das maiores discussões relacionadas ao meio ambiente, envolve um dos temas mais abordados na atualidade, que é a sustentabilidade. Mesmo este tema sendo de complexa definição de como aplicá-lo a um setor ou a um ramo de atividade, é de extrema importância à abordagem a esta temática, principalmente quando se trata de sua aplicação ao meio rural, onde o turismo aparece em um crescente desenvolvimento no país. Neste sentido é importante que a prática do turismo rural possa contribuir para que o conceito de sustentabilidade seja aplicado a este meio.

A COMISSÃO MUNDIAL PARA O MEIO AMBIENTE E O DESENVOLVIMENTO–CMMAD (1988) entende que “o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro”. Com esta concepção denota-se que a sustentabilidades está correlacionada a uma continuidade que



não agrida o meio ambiente, sendo possível o uso dos recursos sem comprometer a continuidade do processo. Declara Ehlers (1999, p. 103) que “o desenvolvimento sustentável deve conciliar, por longos períodos, o crescimento econômico e a conservação dos recursos naturais”.

Esta prática do uso dos recursos naturais pode ser aplicada com o objetivo de desenvolver o crescimento econômico regional, aplicado a uma localidade ou a um setor da economia, como acontece no oeste do Paraná, onde o turismo rural usa os meios naturais como fonte de atração sem degradar a natureza, com o princípio de sustentabilidade dentro do Circuito Sabiá, que oportuniza a prática do TRAF.

Esta situação pode ser evidenciada na fala de uma das pessoas entrevistadas, a Senhora A. J. G., 41 anos, que relata sobre a experiência que já tiveram durante visitas em outros Circuitos de Turismo Rural no Brasil, onde pôde perceber que o meio ambiente não tem as mesmas características naturais, que são preservadas no Circuito Sabiá, que pode ser atribuída principalmente a importância do projeto Cultivando Água Boa, desenvolvido pela Itaipu Binacional. Salientou também que estas visitas contribuíram para melhorar o conhecimento sobre turismo rural, conseguindo aproveitar melhor os recursos disponíveis já existentes.

2.2 TURISMO RURAL NA AGRICULTURA FAMILIAR

O turismo tem sido um dos agentes no mercado econômico responsável por grande parte dos recursos movimentados na economia de vários países. Neste contexto o Brasil se destaca no cenário mundial por inúmeras belezas naturais, aliadas a um clima tropical e sua vasta extensão territorial, que proporciona aos turistas escolher vários pontos turísticos.

Segundo Lage e Milone (2000, p. 26) na geração de riquezas dois agentes se destacam “... os *indivíduos ou consumidores* e as *empresas ou produtores* que objetivam, respectivamente, maximizar suas satisfações e seus lucros”. O autor comenta que esses elementos integram um cenário ou mercado de inúmeros bens e serviços, que são disponibilizados aos consumidores ou indivíduos que buscam satisfação ao adquiri-los, entre os quais o turismo se destaca podendo ser interpretado como bem ou serviços, que é produzido para atender as necessidades das atividades de viagens ou de lazer.

Ao longo da história houve várias conceituações pretendendo definir o que é o turismo. Porém, com as constantes mudanças sociocultural e econômica, os conceitos mesmo sendo os da atualidade estão sujeitos a alterações. Como Lage e Milone (2000, p. 26) mencionam dizendo que:

“O turismo moderno não precisa ter um conceito absoluto, mas importa no conhecimento do mecanismo dinâmico que o integra. Especificamente sobre a análise da economia microeconômica, quando aplicada a um estudo do setor turístico particular, por se tratar de uma estrutura restrita do comportamento dos indivíduos”.

Neste sentido entende-se que as definições podem ser pautadas de acordo com as realidades, regional, cultural ou de cada setor que o turismo atende, nos seus mais variados segmentos, como por exemplo, o turismo rural.

Uma das modalidades de turismo que vem crescendo e conquistando espaço no cenário econômico, e proporcionando mais opção de lazer aos consumidores, é o turismo rural. Entretanto, esta atividade tem muito a crescer, principalmente se houver melhor divulgação dos atrativos que podem ser explorados no turismo com essas características, e com a proliferação das informações que chegam aos agentes consumidores.

Considera o Ministério do Turismo (2013), que “O meio rural pode ser bem aproveitado para o turismo. Não só as propriedades, como também os atrativos e produtos



existentes no campo podem ser uma opção para os turistas e uma oportunidade para os que nele vivem”.

Com esta possibilidade de crescimento, e a potencialidade que o turismo pode disponibilizar ao meio rural, é importante ressaltar que os benefícios são recíprocos entre os visitantes no papel de turista, e os agricultores familiares como agentes acolhedores no meio turístico. Sendo assim, o consumidor tem a oportunidade de conhecer os atrativos que o turismo rural pode oferecer, e o agricultor familiar é recompensado com outra fonte de renda, agregando valor aos produtos que podem ser oferecidos aos visitantes, aumentando a renda da propriedade.

É o que menciona Barreto (1999) ao dizer que “O turismo no espaço rural é um grande condutor para o desenvolvimento da localidade ou região onde é implantado e também, a comunidade local pode compartilhar dos benefícios indiretos gerados, devido ao processo de implantação da atividade”.

Nesta modalidade de turismo, o principal atrativo é a natureza, no entanto, outros agentes contribuem para que o turismo rural possa ser um meio de lazer e conhecimento das origens e costumes de uma região, podendo disponibilizar várias outras opções aos visitantes. O Ministério do Turismo (2008, p. 19) define o turismo rural da seguinte forma: “Turismo Rural é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”.

Sendo assim, atividades de Educação Ambiental e capacitação são relevantes para que o desenvolvimento do turismo no meio rural alcance bons níveis de atendimento, buscando informações junto a órgãos que prestem assistência ou consultoria para corroborar com os agricultores familiares em treinamentos de atendimento, culinária, acomodações entre outras atividades que possam ser desenvolvidas ao longo de um passeio turístico rural. Neste sentido o Ministério do Turismo (2008) lista algumas das atividades atribuídas e que podem ser desenvolvida no turismo rural sem descaracterizar a atividade, e entre elas estão: operação e agenciamento, transporte, hospedagem, alimentação, recepção à visitação em propriedades rurais, recreação, entretenimento e atividades pedagógicas vinculadas ao contexto rural, eventos, outras atividades complementares, gastronomia, saberes e fazeres locais.

Desta maneira, é importante destacar que o turismo rural não se prende somente a passeios ou contato com a natureza, mas sim outros atrativos podem ser explorados de forma harmoniosa ao decidir visitar o meio rural em forma de turismo. Podendo conhecer a história, os costumes, as acomodações, a culinárias entre outras possibilidades já mencionadas.

A modalidade de turismo rural, que já existe há vários anos nos país, recebe a partir de 2007, apoio governamental no Paraná, com um documento assinado pelo então Governador do Estado com o propósito de dar melhor ênfase para o turismo rural na agricultura familiar (TRAF).

Este é um trabalho desenvolvido em parcerias, como destaca o enunciado do programa:

“As Secretarias de Estado do Turismo (SETU) e da Agricultura e do Abastecimento (SEAB), através de um Termo de Cooperação Técnica assinado em maio de 2007, comprometeram-se a promover ações integradas com vistas ao planejamento, à estruturação e à implementação de uma política pública para o turismo rural que possibilite o desenvolvimento local e regional, com base nas vocações e potencialidades do Estado do Paraná”. (PROGRAMA DE TURISMO RURAL DO PARANÁ, 2007).

Para o bom desempenho das atividades, e visando o retorno do visitante às instalações, os agricultores familiares responsáveis por gerir o turismo em sua propriedade



têm buscado apoio e treinamento com órgãos governamentais que dão apoio ao sistema de turismo rural. É o que diz uma das responsáveis pela recepção dos turistas, no Circuito Sabiá, a senhora S. J. G. 41 anos, *“Pra a gente tem que tá preparado, fizemos vários cursos, conhecemos vários lugares, e então hoje assim eu vejo uma ótima ideia ter entrado, também pelo lucro que dá, logicamente né? Mas, mais é pela satisfação pelas pessoas que vêm. Eu acho que vocês gostaram do café! Gostaram da acolhida do Z.! Vão gostar mais do almoço. Então! Isso pra mim! Pessoal! É uma satisfação muito grande! Mesmo que eu não ganhasse nada. (S. J. G. 41 anos, agricultura)*

Esta fala acena para a importância da capacitação desenvolvida para as famílias que recebem os turistas no Circuito Sabiá, situado no município de Matelândia Pr.

O apoio desenvolvido pelo Programa de Turismo Rural do Paraná (2007) indica que a formatação das Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil juntamente com a elaboração de um Programa Nacional de Turismo Rural na Agricultura Familiar, que menciona o comprometimento governamental em desenvolver esta prática turística na agricultura familiar, resgatando alguns valores fundamentais para a prática mencionada sustentada nas vocações locais e regionais, enfatizando a ruralidade, conservando o meio ambiente, gerando emprego e conseqüentemente aumentando a renda e proporcionando inclusão social, nos quais são integrados os princípios da Educação Ambiental como eixo transversal do programa.

Dentro desta perspectiva o projeto do Circuito Sabiá, onde são desenvolvidas várias atividades, teve seu início com o apoio da Itaipu Binacional com o projeto “cultivando água boa”, em 2005, como é explicado pelo senhor A. F. G, com 53 anos de idade durante a visita técnica desenvolvida no Circuito Sabiá: *“O início tudo aqui foi uma nascente da Itaipu, que iniciou tudo ali. Então, aqui foi a primeira nascente da Itaipu, cultivando Água Boa... quando eles formaram o Cultivando Água Boa, então dentro desse projeto Cultivando Água Boa, tinha o projeto do turismo rural, Turismo Rural na Agricultura Familiar. Então eles vieram e fizeram várias reuniões no pavilhão e tal, e daí foram de família por família, e acabaram parando aqui, e foram ver que tinha ali, e acataram que nós tinha (SIC) condições de mexer o turismo rural, nada de mexer com as coisa... é o que nós tinha aqui... e várias reuniões com o presidente da Itaipu... gente de tudo quanto foi lado. E daí nós começamos, a fazer almoço para o pessoal da Itaipu, pessoal da cidade. Veio até o chefe do turismo de Brasília, do Brasil inteiro... veio aqui e deram todas as condições, e a prefeitura acatou a proposta, e fomos indo, fomos evoluindo... aí entrou outras famílias”.*

Durante a visita no Circuito Sabiá, e ao referenciar a sustentabilidade, menciona-se que existem vários conceitos sobre sustentabilidade, e quando perguntado sobre a relação da sustentabilidade com o programa do Circuito Sabiá e se contribuiu para o desenvolvimento rural sustentável, a Senhora S. J. G. 41 anos, menciona que, *“com os cursos a gente começou a manter a propriedade limpa, organizada, coisa que com essa visão a gente não tinha ante, né? Então, o bem estar da família! uma grama aparadinha, sombra, a casa bem limpinha, são coisa que a gente morando no sítio não tinha essa visão”.*

Neste sentido, fica evidente que a relação de ruralidade, dentro do turismo rural, podendo não perder sua essência, mesmo que os atores envolvidos na recepção aos visitantes tenham treinamento para melhor atender os turistas, e isto só acontece pelo treinamento específico ao setor.

No aspecto de localidade, o Brasil contempla amplas possibilidades de regiões que oferecem alternativas diferenciadas entre culturas, particularidades, belezas e paisagens regionais, que são atrativas ao Turismo Rural, entre as várias regiões que podem ser exploradas para esta prática de turismo está a região oeste do Paraná, onde a cultura de origem europeia tem fortes traços, evidenciando a ruralidade. A procura por este meio de turismo é crescente na região, como está referenciado no livro Turismo rural: **Orientações Básicas**



(2008, p. 35) “É crescente o número de turistas que procuram lugares onde os habitantes vivam de maneira diferente da sua e a paisagem apresente características próprias, tanto naturais como culturais”.

Quanto à viabilidade da região para o turismo rural é fator predominante para um circuito que proporcione o turista a conhecer várias atrações disposta para visitação.

Com o objetivo de esclarecer, o documento Orientações Básicas (2008, p. 37) menciona que: “para a estruturação do segmento, é preciso que sejam inventariados os recursos naturais, artificiais materiais e imateriais, aqui denominados de recursos turísticos, capazes de despertar o interesse do turista e motivá-lo a deslocar-se até a região”. O documento enfatiza que:

“Deve-se estar atento às especificidades que marcam o “local” e que o tornam singular, identificando o que o diferencia de possíveis concorrentes e como os recursos turísticos podem ser lapidados e transformados em atrativos, constituindo-se em produtos e roteiros como os recursos turísticos (ORIENTAÇÕES BÁSICAS 2008, P. 37)”.

Com esta singularidade, apresenta-se como potencial a região oeste do Paraná, próximo a BR277, onde grande parte das propriedades é de pequeno porte, e os proprietários têm características e costumes apropriados para a prática do Turismo Rural na Agricultura Familiar (TRAF).

Dentro desse processo de TRAF, a prática é vista em Matelândia, a Revista EcoRodovias (2013), relata como isso ocorre:

“Colher uvas diretamente nos parreirais é apenas uma das atrações oferecidas pelo Circuito do Sabiá, em Matelândia. Belos cenários campestres se escondem às margens da BR-277, entre Cascavel e Foz do Iguaçu. A região é um reduto de propriedades rurais, responsáveis por boa parte da produção de uva do Oeste do estado e, mais recentemente, por apresentar as maravilhas do campo às pessoas de passagem por Matelândia e Toledo. Esses espaços, abertos à visitação, oferecem desde a possibilidade de participar da colheita de uvas nos parreirais até um passeio de trator pela região. Em Matelândia, metade desses lugares faz parte do Circuito do Sabiá, criado em 2005 e que ganhou esse nome pela proximidade com o Rio Sabiá, que corta a cidade. Por lá, quatro propriedades estão de portas abertas para mostrar o modo de vida no campo aos turistas. As visitas - que são gratuitas e têm, pelo menos, uma hora de duração precisam ser agendadas com antecedência no Departamento de Turismo, que fornece um guia para fazer o acompanhamento (ver serviço).”

Neste relato pode-se afirmar que a geração de renda nas propriedades e a integração participativa das famílias, auxiliam no desenvolvimento local e regional.



Figura 01: Mapa do município de Matelândia

Fonte: Google Mapas, 2013.

2.3 AGRICULTURA FAMILIAR, RURALIDADE, EMPREENDEDORISMO RURAL E METODOLOGIA PARTICIPATIVA

A definição de agricultura familiar apresentada neste estudo se articula com o que é constante na legislação brasileira, que segundo Gonçalves e Souza (2005), na legislação brasileira, a definição de propriedade familiar consta no inciso II do artigo 4º do Estatuto da Terra, estabelecido pela Lei nº 4.504 de 30 de novembro de 1964, com a seguinte redação: “propriedade familiar: o imóvel que, direta e pessoalmente explorado pelo agricultor e sua família, lhes absorva toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência e o progresso social e econômico, com área máxima fixada para cada região e tipo de exploração, e eventualmente trabalhado com a ajuda de terceiros” e na definição da área máxima, a lei nº 8629, de 25 de fevereiro de 1993, estabelece como pequena os imóveis rurais com até quatro módulos fiscais e, como média propriedade, aqueles entre quatro e quinze módulos fiscais.

Carmo (1999) aborda que o perfil da agricultura brasileira, se refere à agricultura familiar como forma de organização produtiva em que os critérios adotados para orientar as decisões relativas à exploração agrícola não se subordinam unicamente pelo ângulo da produção e rentabilidade econômica, mas levam em consideração também as necessidades e objetivos da família. Contrariando o modelo patronal, no qual há completa separação entre gestão e trabalho, no modelo familiar estes fatores estão intimamente relacionados.

E Guanziroli e Cardim (2000), definem como agricultores familiares àqueles que atendem às seguintes condições: a direção dos trabalhos no estabelecimento é exercida pelo produtor e família; a mão-de-obra familiar é superior ao trabalho contratado, a área da propriedade está dentro de um limite estabelecido para cada região do país.

Pode-se identificar que existem características diferentes apresentadas nas definições, porém algumas se baseiam na mão-de-obra utilizada, no tamanho da propriedade, na direção dos trabalhos e na renda gerada pela atividade agrícola. Em todas há um ponto em comum: ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, a família assume o trabalho no estabelecimento.

O termo agricultura familiar recebe diferentes denominações de acordo com a abordagem dada por cada autor, contudo, neste estudo fora adotado o conceito utilizado por Baudel (1995), que a entende como uma família proprietária dos meios de produção e assume também o trabalho no meio produtivo. Cabe destacar que esse caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo. O fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-



trabalho tem consequências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente.

Outro componente que deve ser abordado quando se trata da agricultura familiar é a participação da mulher nesse processo, fazendo a relação de gênero.

Pisoni (2009) aponta que alguns estudos de gênero no meio rural realizados por Paulilo (1987), Brumer (2004), Brumer e Freire (1984), Menache (2004) mostram que existe uma dicotomia nas relações de trabalho/espço por sexo, ou seja, trabalhos, espaços considerados dos homens agricultores e trabalhos/espços considerados das mulheres agricultoras.

“Na divisão do trabalho que se estabelece entre os sexos, ao homem cabe geralmente à exclusividade de desenvolver serviços que requerem maior força física, tais como lavrar, cortar lenha, fazer curva de nível, derrubar árvores e fazer cerca. Também cabe ao homem o uso de maquinário agrícola mais sofisticado, tal como o trator. À mulher, de um modo geral, compete executar tanto as atividades de mais rotineiras, ligadas a casa ou ao serviço agrícola, como as de caráter mais leve. Entre as tarefas em geral executadas pelas mulheres está praticamente todas as atividades domésticas, o trato dos animais, principalmente os menores (galinha, porcos e animais domésticos), a ordenha das vacas e o cuidado do quintal, que inclui a horta, o pomar e o jardim”. (BRUMER; FREIRE *apud* PISONI, 2009).

No estudo realizado no Circuito Sabiá - Turismo na Agricultura Familiar, essa prática fica evidente na fala da S. J. G.⁹, com 41 anos durante o café da manhã: “*somos em cinco pessoas que moram aqui, eu, minha sogra, minhas filhas e meu marido, ativamente são três, eu, meu marido e minha filha mais nova, a mais velha estuda e trabalha fora, então né mais assim né meu marido tá na lida do mais grosso mais pesado, minha filha me ajuda na cozinha, e tem minha sogra também mais está bem de idade e não ajuda, ela participa as vezes ajudando a receber as visitas*”. (S. J. G., 41 anos, agricultura)

A senhora N. T. G., com 47 anos, uma das integrantes do Circuito Sabiá, também aborda a prática dela na propriedade rural, reforçando o papel da mulher: “*então pra mim cozinhar foi um desafio é que na verdade eu morava junto com a minha sogra, a propriedade ainda é do nosso sogro nós estamos cuidando, mais é da gente também, mais é! foi um desafio porque eu cozinhalva só pra quatro, cinco pessoas né, e depois eu achei um diferencial porque tocou trabalhar com mais produção um para atender a demanda dos visitantes, então para mim foi um desafio, não gostava de cozinhar mais agora adora cozinhar, adora fazer as coisas*”. (N. T. G., 47 anos, agricultura)

Como o senhor A. F. G., com 53 anos pondera, no relato uma das fragilidades é a permanência dos filhos na atividade: “*aqui o problema é mão de obra ela é escassa, escassa mesmo! eu digo a verdade mesmo! a menina está em casa mais já vai retornar para a cidade ela vai fazer um curso, o rapaz vai morar ali, estamos construindo a casa dele ali pro lado de cima, assim vai ficar eu e a mulher, eu e ela!*”. (A. F. G., 53 anos, agricultor)

No oeste de Santa Catarina segundo Abramovay (1999) mais de dois terços dos filhos homens desejam permanecer na agricultura e, em contrapartida, apenas 32% das mulheres fazem está opção. Ainda informa o autor que a saída da propriedade dos pais acontece com a média de idade de 21 anos. Como comenta Wanderley (2001), os agricultores brasileiros não se opõem a mobilidade espacial e, frequentemente, a migração é a solução para resolver os problemas fundiários das famílias, principalmente no sul do país, entre os descendentes masculinos.

Para Abramovay (1999), a agricultura familiar não conseguiria manter-se no mercado capitalista, passaria a ser uma empresa e não conseguiria manter os traços que a caracterizam neste setor.

⁹ Os nomes dos envolvidos serão apresentados pelas suas iniciais.



A agricultura familiar é um importante segmento do Agronegócio do País, sendo grande geradora de empregos no campo e responsável pela maior parte da produção que abastece o mercado interno, ou seja, cerca de 70% dos alimentos consumidos nos lares brasileiros.

Os produtores familiares respondem, ainda, por cerca de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) do País, desempenhando papel crucial na economia de um grande número de municípios, o que a torna indispensável para o desenvolvimento do Brasil.

Considerando a informação que a agricultura familiar responde por 70% dos alimentos consumidos nos lares brasileiros, cabe refletir quais são as práticas realizadas pelos produtores familiares.

Lima e Wilkinson *apud* Bertolini *et. al.* (2010), pondera que a produção familiar é a principal atividade econômica de diversas regiões brasileiras e precisa ser fortalecida, pois o potencial dos agricultores familiares na geração de empregos e renda é muito e tecnologias para a produção e para o manejo sustentável de seus estabelecimentos, além de garantias para a comercialização dos seus produtos, agrícolas ou não.

Abramovay (1999) diferencia a agricultura familiar no interior das sociedades capitalistas mais desenvolvidas como uma forma completamente diferente do campesinato clássico. Enquanto que os camponeses podiam ser entendidos como “sociedades parciais com uma cultura parcial, integrados de modo incompleto a mercados imperfeitos”, representando um modo de vida caracterizado pela personalização dos vínculos sociais e pela ausência de uma contabilidade nas operações produtivas. Já a agricultura familiar, segundo o mesmo autor, “... é altamente integrada ao mercado, capaz de incorporar os principais avanços técnicos e de responder as políticas governamentais...”. Aquilo que era antes de tudo um modo de vida converteu-se numa profissão, numa forma de trabalho.

Ao contextualizar o termo agricultura familiar, não podemos deixar de mencionar o trabalho desenvolvido pelo Ministério Desenvolvimento Agrário, onde se tem a Secretaria da Agricultura Familiar (SAF) que contempla dentro de sua missão, princípios e objetiva:

“consolidar o conjunto da agricultura familiar de modo a promover o desenvolvimento local sustentável por meio da valorização humana e da negociação política com representantes da sociedade, respeitando os desejos e anseios das organizações sociais e praticando os princípios da descentralização, da democracia, da transparência e da parceria, com responsabilidade”.

Ainda envolvendo a SAF os princípios orientadores são: atuar de forma participativa, descentralizada e articulada com os Estados, Municípios e a sociedade civil organizada.

Dentre os objetivos da SAF estão valorizar e divulgar o conceito de agricultura familiar como atividade econômica fundamental para o desenvolvimento socioeconômico sustentado do meio rural e promover agregação de valor aos produtos do agricultor familiar, seu acesso competitivo ao mercado, e a geração de renda a partir de atividades não agrícolas.

Dentro desta perspectiva um dos grandes pensadores da agricultura familiar e do processo de desenvolvimento rural sustentável é Ignacy Sachs, que em entrevista realizada pela revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, na cidade de Porto Alegre, no ano de 2001, apontam que:

“...estou totalmente de acordo com José Graziano de que não deve ser o único elemento. Acho que pode ser o principal e creio que se há uma aparente diferença de posição, ela vem de um problema semântico. Para Graziano, o fato da pluriatividade constitui, em certo sentido, um fim da agricultura familiar, porque ele vê a agricultura familiar como um sistema de produção exclusivamente agrícola. E acho que há menos diferença do que parece se se introduz nesse debate a pluriatividade e o fato de que não dá mais para a agricultura familiar ser unicamente centrada na agricultura. Mas dá



para que a família continue a priorizar a agricultura familiar e, ao mesmo tempo, que vários membros dessa mesma família sejam mobilizados, incluídos em outros mercados de trabalho...”.

Constataram-se esses elementos discutidos em âmbito científico pelos autores citados na prática quando da visita ao Turismo Rural na Agricultura Familiar, no Circuito Sabiá, onde a senhora A. J. G., com 41 anos, explica como foi à inserção deles no projeto: “...comecei depois, pois no início tinha o projeto da Itaipu, Cultivando Água Boa, que cuidava da bacia do rio Sabiá. E eles como vinham de fora para pesquisa, servíamos o café e almoço, através do incentivo deles começamos a nos organizar”. (A. J. G., 41 anos, agricultora)

Tendo em vista que as cidades não mais absorvem toda massa que abandona o campo e que o sistema de grandes propriedades rurais não gera empregos suficientes para absorver a mão-de-obra rural, é importante o incentivo a agricultura familiar. Esse incentivo não deve vir apenas do governo, mas sim de todos, desde os agentes bancários através de empréstimos com taxas menores até o mercado consumidor. (ABRAMOVAY, 1999).

Quando se aborda sobre desenvolver atividades para aumentar a geração de renda, a autora Carneiro, *et. al.* (2003, p. 136):

“...considera que o enfoque da multifuncionalidade da agricultura abrange todas as famílias rurais, formando um universo bastante diverso que inclui aquelas famílias que praticam a atividade agrícola em condições precárias e para as quais ela é uma fonte secundária de trabalho e, principalmente, de renda...”.

Ainda a mesma autora (2003, p. 138), pondera que: “...a estratégia de obtenção de renda monetária pelas famílias rurais caracteriza-se pelo recurso sistemático às atividades não agrícolas no interior da unidade familiar...”.

Por se tratar da área rural julga-se necessário pelos autores do trabalho conceituar o termo ruralidade, que segundo o dicionário Aurélio (2009), é “qualidade do que é rural, campestre, agrícola. Conjunto de características e valores do mundo rural”.

Já Zonin (2007), faz uma reflexão na sua tese apontando que “o rural é um espaço de vida e trabalho, uma rede de relações sociais, uma paisagem ecológica e cultural, uma representação de projetos de vida”.

Esse conjunto de características materiais e imateriais apresenta singularidade e dinâmicas próprias, Jollivet *apud* Zonin (2007), esta dinâmica é portadora de desenvolvimento, modelado e remodelado pelas grandes mudanças que ocorrem na sociedade, Jollivet *apud* Zonin (2007), é, a partir dessa percepção, que se encadeia a possibilidade de sua reconstrução, como mudanças socioambientais.

Ainda para Zonin (2007), a ruralidade é marcada pela reconstrução de relações socioambientais, e diante categorias que permanecem no campo, por meio de uma diversidade de atividades, com processos produtivos que combinam diversos tipos de saberes e são valorizadas pelas políticas públicas, ocorrendo uma modernização ecológica, crítica ou reflexiva.

Segundo Brandenburg *apud* Zonin (2007):

“...dentre os vários temas relacionados com esta questão socioambiental, no meio rural, a reorganização da agricultura, via agroecologia, parece ser um dos mais relevantes, considerando o seu sentido, tanto para os atores sociais rurais como para a moderna sociedade de risco”.

Durante o estudo realizado no Circuito Sabiá, o professor Doutor Wilson João Zonin, professor do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, reforça o



conceito de ruralidade e TRAF com os mestrandos, “*Isso aqui é o conceito de ruralidade. TRAF e ruralidade é a base conceitual*”.

Dentro desta perspectiva caracteriza a formação deste produtor rural, buscando o empreendedorismo rural, um dos grandes braços deste processo de formação é o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), que evidencia na sua estrutura que a globalização de economia, a formação e consolidação de grandes blocos econômicos, o aumento da competição entre mercados, as mudanças nas formas de emprego, e dos postos de trabalho, o aumento de complexidade tecnológica no processamento de produtos primários e secundários. Todo este movimento de evolução determina o surgimento de um novo modelo de sociedade comprometida a aprender, a determinar processos de transição tecnológica, com a aprendizagem constante (SENAR, 2003).

Uma das características desta globalização de mercado é seu efeito de redução de empregos tradicionais e a exigência do aumento das habilidades empresariais das pessoas, especialmente daquelas envolvidas com os negócios da agropecuária (PERES; MARTINES, 1999).

Para Schumpeter (1982), o desenvolvimento econômico está fundamentado em três fatores principais: as inovações tecnológicas, o crédito bancário e o empresário inovador. Este empresário inovador é capaz de empreender um novo negócio, mesmo sem ser dono do capital. A capacidade de empreender está relacionada às características do indivíduo, aos seus valores e o modo de pensar e agir.

Ao abordar o termo de empreendedorismo rural, é necessário considerar que todo segmento deve identificar os possíveis cenários, buscando atuar de forma participativa.

“...a análise e o conhecimento desse cenário são de suma importância para que o empresário rural possa definir com segurança as estratégias para sua empresa, visando ao uso racional de todos os fatores de produção disponíveis. Assim, passamos a descrever algumas características que interferem nesse cenário, pondera Silva (2009, p.19).

Pode-se considerar ao interpretar essa matriz os seguintes aspectos:

- a) Como posso manter meus pontos fortes?
- b) Como posso melhorar meus pontos fracos?
- c) Como posso evitar ou me proteger das ameaças?
- d) Como aproveitar as oportunidades a meu favor?

Ao analisar a matriz ela nos permite cruzar os dados obtidos nos quadrantes, e assim poder criar quatro oportunidades de melhora, sendo:

PO: Potencialidades x Oportunidades

PA: Potencialidades x Ameaças

FO: Fraquezas x Oportunidades

FA: Fraquezas x Ameaças

Com essa análise objetiva-se:

- a) Aproveitar as potencialidades nas oportunidades que surgirem (PO);
- b) Utilizar as potencialidades para evitar as ameaças (PA);
- c) Melhorar as fraquezas para aproveitar as oportunidades (FO);
- d) Eliminar as fraquezas para evitar as ameaças (FA).

Entende-se que todo diagnóstico realizado deve ter uma matriz para gerar indicadores para análise e considerações sobre o cenário apresentando, de forma estruturada pondera RUAS *et. al.* (2006, p.77), “Que o diagnóstico participativo por campo é um conjunto de procedimentos metodológicos que orientam a análise coletiva da realidade e a identificação dos problemas, necessidades e potencialidades de uma comunidade, município ou território”.



Ainda os autores tratam da ferramenta como objetivo de facilitar a interpretação de um cenário, sistematizando e visualizando soluções, considerando as potencialidades.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi realizado na Comunidade Rural Circuito Sabiá localizada no município de Matelândia, região oeste do Estado do Paraná. Didaticamente pode-se dividir o trabalho em três etapas: a etapa inicial onde se realizou o levantamento bibliográfico. Foram realizadas pesquisas bibliográficas por meio de livros e periódicos nacionais dispostos em acervo virtual, e em bases de dados, onde foram selecionados e consultados artigos publicados originais e de revisão sobre o tema. A segunda fase do trabalho foi observação direta proporcionando a convivência real dos pesquisadores com o cotidiano das famílias do local, utilizando equipamentos de áudio e vídeo, fotos e aplicação das entrevistas não diretas usando como grupo de amostra as famílias pertencentes ao local estudado, para que ocorra uma compreensão clara da análise, os grupos foram divididos em Grupo A, corresponde à família responsável pelas refeições do circuito, Grupo B família que dispõe da pousada e Grupo C família que serve o café colonial e dispõe da apresentação do museu no circuito. A terceira e última etapa teve como base uma abordagem qualitativa desenvolvendo a sistematização com devolução dos resultados, e a análise e discussão com definição e mensuração dos indicadores através da metodologia participativa.

O método que será utilizado nesta pesquisa será indutivo, o qual é “(...) um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas” (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 86).

Este estudo caracteriza-se como *survey* ou levantamento, ou seja, um tipo de pesquisa que busca estudar pequenas e grandes populações utilizando-se de amostras, com o objetivo de descobrir a evidência relativa, distribuição e/ou inter-relação de variáveis (KERLINGER, 2006).

Busca-se a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas. No caso do ensaio proposto, envolve as famílias participantes do Circuito Sabiá, do município de Matelândia, estado Paraná, considerado como representativo de uma população alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente uma entrevista semiestruturada. (FREITAS *et al.*, 2000).

Em se tratando da entrevista semiestruturada, atenção tem sido dada à formulação de perguntas que seriam básicas para o tema a ser investigado (TRIVIÑOS, 1987). Porém, uma questão que antecede ao assunto perguntas básicas se refere à definição de entrevista semiestruturada.

Para Triviños (1987) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

De acordo com Manzini (1990-1991), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.



Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

A entrevista semiestruturada é uma entrevista feita a partir de um roteiro de perguntas previamente elaborado, quando se quer obter informações a respeito de um assunto específico (RUAS *et. al.*, 2006), mas que é feita de maneira bem informal, funcionando mais como um diálogo onde duas pessoas estão se conhecendo. É necessário, porém, preparar com antecedência um guia de entrevista para ser usado como orientação, sendo que este guia não deve conter mais do que 10 a 15 perguntas (KUMMER, 2007).

Isso, pois a maioria das perguntas surge no decorrer da própria entrevista. As entrevistas semiestruturadas foram ferramentas importantes para um conhecimento mais aprofundado da realidade de cada uma das famílias envolvidas no projeto. Através delas foi possível detectar o nível de informação que os entrevistados possuíam em relação à produção orgânica e viabilizar ações educativas na organização de oficinas e atividades para que se chegasse ao entendimento necessário para refletir e agir em relação à retomada da agricultura agroecológica.

Um ponto semelhante, para ambos os autores, se refere à necessidade de perguntas básicas e principais para atingir o objetivo da pesquisa. Dessa forma, Manzini (1990/1991) salienta que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante. A natureza das perguntas básicas para a entrevista semiestruturada também foi estudada por ambos os autores (TRIVIÑOS, 1987).

Uma das características da entrevista semiestruturada é a utilização de um roteiro previamente elaborado.

O nível da pesquisa é descritivo, tendo como objetivo principal apresentar as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2008).

Mattar (2007) considera ainda, que o uso da pesquisa descritiva faz-se necessário quando o propósito da pesquisa é descrever as características entre grupos, estimar proporções de elementos em uma população e descobrir a existência de relações entre variáveis.

Quanto ao enfoque, a pesquisa se caracteriza como qualitativa. A pesquisa qualitativa pode ser definida como uma metodologia não estruturada, com amostras pequenas, tendo como objetivo proporcionar *insights* e uma compreensão do contexto do problema. É adequada quando se quer pesquisar aspectos mais profundos e menos visíveis (MALHOTRA, 2001).

Segundo Soares (2003) a abordagem qualitativa não emprega procedimentos estatísticos como centro do processo de análise de um problema.

Na coleta de dados serão utilizados dados bibliográficos e entrevista semiestruturada.

A “entrevista consiste no diálogo com o objetivo de colher, de determinada fonte, de determinada pessoa ou informante, dados relevantes para a pesquisa em andamento” (RUIZ, 2002, p. 51). A entrevista será guiada por um questionário que é uma sequência estruturada de perguntas, destinadas a obter dos entrevistados fatos e opiniões e fornecer um veículo para o registro dos dados (GIL, 2008).

Segundo Gil (2008, p. 156), “a análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitam o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação”.

Yin (2003), a clara necessidade pelos estudos de caso surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos. Ou seja, o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real.



Os dados que serão coletados de forma qualitativa serão gravados e transcritos.

Para Yin (2003), o registro das entrevistas apresentam vários métodos é um dos métodos possíveis, o melhor deles é gravar seu conteúdo. O segundo melhor é tomar notas durante a entrevista. Esse foi o processo realizado pelo grupo de trabalho a gravação de áudio e anotações das informações durante o processo da aplicação da entrevista. O material de cada dia foi imediatamente transferido para o computador e, posteriormente, foram feitas cópias de segurança, em CDs graváveis, de todos os arquivos das entrevistas gravadas. No tocante às entrevistas não gravadas, as anotações manuais foram transcritas para arquivos em Word e todas elas foram também adicionalmente armazenadas em memórias externas.

A estrutura de diagnóstico utilizado neste estudo é de caráter participativo, que para Kummer (2007, p. 87):

“o método participativo é um processo no qual a troca de informações ocorre entre todos os envolvidos, internaliza-se os problemas e potencialidades principais de forma coletiva, o que gera uma participação dos envolvidos, provocando e apoiando o processo de mudança comportamental de cada um e do grupo como um todo. O técnico facilitador está profundamente envolvido nisso”.

Para estudo em questão foi utilizado à entrevista semiestruturada, que Kummer (2007, p. 91) considerada: “um questionário semipronto, aplicado por uma equipe de, no mínimo, duas pessoas”.

Segundo Ruas (2006, p. 38), entrevista semiestruturada é: “uma entrevista informal feita a partir de um roteiro de questões previamente elaboradas como os tópicos e informações que se desejam levantar”. O autor menciona ainda que, ao longo da entrevista, podem ser abordadas outras questões consideradas também relevantes, que não foram previamente definidas.

O grupo de trabalho desenvolveu a estrutura de entrevista semiestruturada, explicada na abertura da coleta de dados com a senhora A. J. G., 41 anos, integrante do Circuito Sabiá, pelo grupo: “*o trabalho está sendo desenvolvido dentro da disciplina de Extensão Inovadora, e tem como objetivo entender o processo do Circuito Sabiá e as práticas desenvolvidas pelas famílias participantes, principalmente na evolução do turismo rural na agricultura familiar em Matelândia, considerando as potencialidades, fragilidades, forças e fraquezas*”.

No processo de análise e agrupamento das informações foi utilizado o princípio do planejamento participativo que Kummer (2007), considera para podermos alcançar um objetivo desejado devemos, no início, ter uma ideia clara sobre o que se deseja alcançar e o que precisa ser mudado para, em seguida, determinarmos quais as atividades necessárias para que o desejo se transforme em realidade.

Na visão de Gandin (1995), planejar consiste em um processo mental dinâmico, desenvolvendo-se de forma contínua, e não um procedimento estanque, prévio à realização de uma determinada prática.

A matriz utilizada é denominada por Kummer (2007), como FOFA (forças, oportunidades, fraquezas e ameaças) esses elementos envolvem o ambiente interno e externo do estudo.

Para Ruas (2006), o diagnóstico participativo por campo é “conjunto de procedimentos metodológicos que orientam a análise coletiva da realidade e a identificação dos problemas, necessidades e potencialidades de uma comunidade, município ou território”.

Ao utilizar ferramentas para diagnosticar ambientes, uma delas com referencia é a FOFA, conhecida com SWOT ou PFOA, que significa, Potencialidades, Fraquezas, Oportunidades, Ameaças, conforme a figura 02:

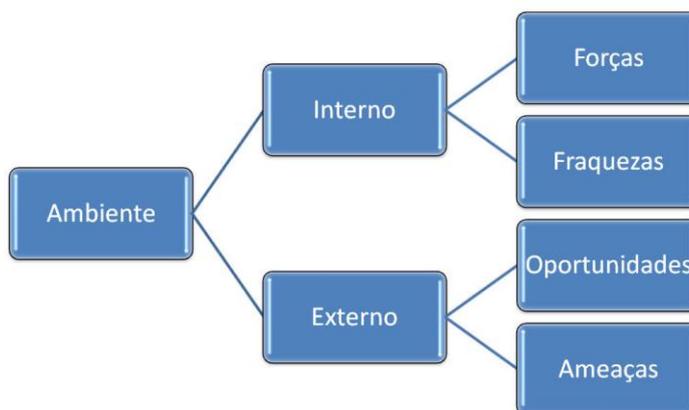


Figura 02: Matriz FOFA
Fonte: Assen, 2010.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como abordado anteriormente, as ferramentas utilizadas para o estudo foram escolhidas com base nas informações que se pretendia levantar sobre as famílias e também nas informações que se pretendia transmitir a elas de acordo com sua necessidade para expandir o turismo rural na agricultura familiar.

Para que ocorra uma compreensão clara da análise dos resultados, os grupos foram divididos em Grupo A, corresponde à família responsável pelas refeições do circuito, Grupo B família que dispõe da pousada e Grupo C família que serve o café colonial e dispõe da apresentação do museu no circuito. Apresenta-se a seguir a matriz FOFA uma ferramenta de diagnóstico participativo, a qual terá a transcrição dos ambientes de forças, oportunidades, fraquezas e ameaças relatadas pelas famílias do estudo.

A matriz FOFA – Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas, Ameaças é a ferramenta de trabalho apropriada para o diagnóstico a ser desenvolvido, por gerar indicadores relacionados aos pontos negativos e positivos (caracterizados nas famílias do Circuito Sabiá) existentes numa região, assim como também as ameaças e oportunidades oferecidas pelo ambiente externo (caracterizadas como leis, programas, projetos, mercados, instituições governamentais, não governamentais etc., portanto fora do controle das famílias).

Para esclarecer e facilitar o uso da ferramenta apresenta-se o quadro 01 com perguntas orientadoras.

Quadro 01: Perguntas norteadoras para a aplicação da matriz FOFA

Ambiente Interno	Ambiente Externo
<p><u>As fortalezas:</u> O que temos de bom? Quais são as nossas vantagens? Com que estamos satisfeitos?</p> <p><u>As fraquezas:</u> Com que não estamos satisfeitos? O que não estamos fazendo</p>	<p><u>As oportunidades:</u> Quais as oportunidades que o nosso ambiente externo nos oferece?</p> <p><u>As ameaças:</u> Quais os riscos existentes em nosso ambiente externo?</p>

satisfatoriamente? Quais os erros têm cometido? O que tem que ser melhorado?	Qual a concorrência existente?
--	--------------------------------

Fonte: Kummer, 2007.

Ao final da análise das informações repassadas pelas famílias do Circuito Sabiá, chegou-se ao quadro 02.

Quadro 02: Matriz de análise FOFA do Circuito Sabiá – Turismo Rural na Agricultura Familiar

AMBIENTE INTERNO				
Fortalezas				
<i>Econômico</i>	<i>Social</i>	<i>Cultural</i>	<i>Político</i>	<i>Ambiental</i>
Potencial turístico; Oportunidade de atrativos.	Famílias unidas; Simplicidade. Diversidades de visitantes.	União das famílias manteve a tradição culinária e a produção de vinho.	A integração das famílias faz com que todos cooperem.	Prazer de morar no local; Alimentação natural; Consciência ambiental; Mata ciliar.
Fraquezas				
<i>Econômico</i>	<i>Social</i>	<i>Cultural</i>	<i>Político</i>	<i>Ambiental</i>
Limitação de espaço e atendimento; Não é a renda principal.	Sucessão familiar.	Sucessão familiar.	Falta de confiança no que pode ser feito.	Poluição do rio; Pouco desenvolvimento da agricultura orgânica.
AMBIENTE EXTERNO				
Oportunidades				
<i>Econômico</i>	<i>Social</i>	<i>Cultural</i>	<i>Político</i>	<i>Ambiental</i>
Acesso ao Pronaf Mulher; Itaipu Binacional.	Estradas cascalhadas; Programa Cultivando Água Boa; Valorização da atividade rural.	Visitas e troca de experiências em outros Projetos de turismo rural.	Capacitação SEBRAE e SENAR ¹⁰ ; Apoio do município.	Apoio do programa Cultivando Água Boa; Qualidade de vida.
Ameaças				
<i>Econômico</i>	<i>Social</i>	<i>Cultural</i>	<i>Político</i>	<i>Ambiental</i>
Estrutura das propriedades.	Domínio da língua estrangeira; Acessibilidade.	Divulgação turística.	Acesso ao local; Políticas públicas.	Fator climático.

Fonte: autores do artigo, 2013.

¹⁰ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

Ao abordar sobre as variáveis apresentadas na matriz FOFA, entende-se necessário recordar que o Circuito Sabiá - Turismo na Agricultura Familiar foi criado após os agricultores sentirem grande interesse de técnicos e visitantes esporádicos em conhecer a cultura local das famílias da Comunidade do Rio Sabiá, em Matelândia no Paraná.

A forte influência da cultura italiana e alemã nos hábitos de alimentação, no jeito de falar e de contar histórias dos avôs, desperta nos visitantes uma nostalgia gostosa, um olhar para suas próprias raízes culturais. Por meio de um projeto de capacitação da Fundação de Projetos e Estudos Avançados vinculados a Unioeste - Campus Foz do Iguaçu, e financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, juntamente com a Prefeitura Municipal de Matelândia, possibilitou-se o aprimoramento dessa atividade que tem à sua frente os agricultores familiares.

A unidade de análise deste estudo são três famílias, que ingressaram no projeto de turismo rural na agricultura familiar, observa-se que na construção da matriz temos o apontamento de todas elas.

Iniciando a análise dos elementos citados como fraquezas, devemos considerar que se as famílias afirmaram que a limitação do espaço e a atividade não serem a renda principal ainda pesa na decisão dos filhos continuarem a prática na propriedade, o que fica evidente quando abordado sobre a sucessão familiar, a expansão das atividades dentro do circuito estão atreladas ao número de componentes da família que auxiliam, por não conseguir receber um volume alto de turista viver somente dessa renda ainda não é possível, mais eles são otimistas com a prática do TRAF.

A senhora A.J. G. 41anos, relata que: *“O museu estava numa outra propriedade, só que ela não tinha mais espaço, e era no paiol onde guardava alimento para o gado, juntava muita poeira muita coisa. E ela quis sair por que faltava gente para ajudar, daí perguntaram se queríamos participar, porque aqui já tinha umas peças, o espaço não estava sendo usado...”*.



Figura 03: Grupo A corresponde à família responsável pelas refeições do circuito

Fonte: autores do artigo, 2013.

Dentro disto, existe a preocupação com relação à prática política, pois mesmo com todo o incentivo já direcionado a prática do TRAF na região de Matelândia, Pr. A troca de governo local, deixa a instabilidade, procurando fazer e atender os turistas com o que já se tem disponível nas propriedades sem alterar a rotina das famílias.

Nas considerações da senhora A. J. G. 41anos, *“...e assim, agora mudou o prefeito de novo, e tá engatinhando assim, não veio grandes ajudas, por enquanto...”*

Já o senhor A. F. G. 53 anos, relata o início das atividades e que atuaram com o que tinha disponível da propriedade, *“...dentro do projeto Cultivando Água Boa, tinha um projeto chamado turismo rural na agricultura familiar, então eles vieram, fizeram várias reuniões aqui no pavilhão e tal, foram de família em família, e acabaram parando aqui, e acataram*

assim, que nós tinha condição de mexer com o turismo rural, nada de mexer com as coisas o que nós tinha era para mostrar e tal...”.

Ainda, nas fraquezas na variável ambiental temos a prática limitada da agricultura orgânica e ainda a poluição dos rios, onde envolvendo o projeto Cultivando Água Boa, se tem no Grupo B, uma unidade de tratamento, que um membro da família é responsável pela coleta e geração da análise da água, que é enviada a Itaipu Binacional, para o monitoramento da reserva.

Durante a entrevista o senhor A. F. G. 53 anos, fala sobre o cuidado com a preservação da água e a prática da agricultura orgânica que está se iniciando na propriedade, *“...eu venho faço a coleta da água, não posso errar nenhum segundo e nem o local, senão da diferença na análise da água”.* O mesmo relata a inserção da prática orgânica na propriedade *“...a eu vou, assim eu vou fazer orgânico, então já desde o plantio foi orgânico, eu não passo mais veneno não posso carpi, o meu serviço é só roçar...”.*

O que se pode identificar é que existe a consciência ambiental e a preservação da mata ciliar, características essas consideradas como fortalezas na matriz estudada na variável ambiental, fica evidente na figura 04, está consciência.



Figura 04: Rio com a preservação ambiental, na família do Grupo A.
Fonte: autores do artigo, 2013.

Como oportunidades, citaram o acesso ao Pronaf Mulher e apoio da Itaipu Binacional, vistos como meios para auxiliar a prática do Circuito Sabiá incorporando a renda. Desta forma eles têm acesso a experiências de outros projetos de turismo rural, podendo aproveitar as práticas deles e fazer os diferenciais no Circuito onde estão tendo assim argumentos para envolver outras famílias.

A senhora A. J. G. 41anos, aborda a experiência de visitar outros circuitos de turismo rural, *“...pra receber, a gente tem que estar preparado. Fizemos vários cursos, conhecemos vários lugares. Fomos conhecer outros lugares, como em Santa Catarina, na acolhida colônia, onde vimos os galpões tudo com máquinas modernas, não tinha uma sombra em roda das casas, aquelas casas tudo plantado soja”.*

Quando perguntada sobre qual o diferencial do Circuito Sabiá com referência as outras propriedades que eles conheceram a resposta dada pela entrevista A. J. G. 41anos, foi: *“...o que mais tem aqui é o mato, ele é o nosso diferencial, daqui até lá em baixo vocês vão ver só árvore e uma outra casinha. E também a acolhida nossa, nós temos um jeito de acolher que fora daqui, nós não fomos acolhidos, por ser tão simples talvez, mais a gente se redobra em atenção, gentilezas pra ver, as pessoas cativam isso”.* Grifo nosso neste momento observa-se que a agricultura fica emocionada, o amor pelo que está fazendo é evidente.

No âmbito social ainda envolvendo o quadrante oportunidades as estradas cascalhadas, o apoio da Itaipu Binacional e a valorização identificada pelos turistas com as atividades rurais, fazem com que eles permaneçam no projeto, buscando sempre a melhor organização na propriedade e a preocupação com o atendimento.

Uma oportunidade saliente é o acesso à capacitação através do SEBRAE e SENAR, mencionada pelo Grupo B, se capacitar é importante para melhor atender os turistas.

A senhora A. J. G. 41anos, explica que: *“Aqui em Matelândia, fizemos vários cursos o professor Jacó do SENAR, começou desde o de Olho na Qualidade, até agora o último foi o de atendimento, acolhida, como receber melhor os visitantes e o manuseio dos alimentos”*.

O mundo contemporâneo exige que as pessoas, independentemente do grau de conhecimento que possuem, estejam capacitadas para enfrentar e superar novos desafios. Nada deve ser deixado ao sabor do acaso. A única maneira de nos preparamos é por meio da ininterrupta requalificação e do constante treinamento. (DOUTOR ALMIR PAZZIANOTTO PINTO, Ex-Ministro do Trabalho e Conselheiro da ONG Instituto Via de Acesso *apud* BOOG, 2006)

Após o momento de construção da matriz e da identificação dos seus componentes, apresentaram-se as fortalezas e ameaças relacionadas às famílias partícipes do Circuito Sabiá.

Evidencia-se nas fortalezas que a região especificamente o Circuito Sabiá, tem potencial turístico e com atrativos. As famílias são unidas com uma gestão participativa, todos conversar e decidem juntos.

Mais uma vez a senhora A. J. G. 41anos, fala para o grupo de estudo como é a gestão deles entre as famílias. *“a gente já fez os cursos, custos, os cálculos, eu não posso dizer que eu viveria hoje só do turismo, não tem como, porque é pouco ainda a visitação, cada mês, agora diminui um pouco por causa do frio, muita umidade, e até esses dias a gente estava sem pousada, mais complicado ainda porque não dá para ver tudo num dia, os visitantes querem dormir aqui. O grupo é bem unido, bem parceiro”*.

Outro aspecto relevante está na variável social com a visita de turistas de outros países, pode-se identificar no livro registro da propriedade, onde os visitantes assinam e na fala do senhor A. F. G. 53 anos, *“olha aqui ó, tem pessoa da França, tem de vários países que nos visitaram aqui”*.

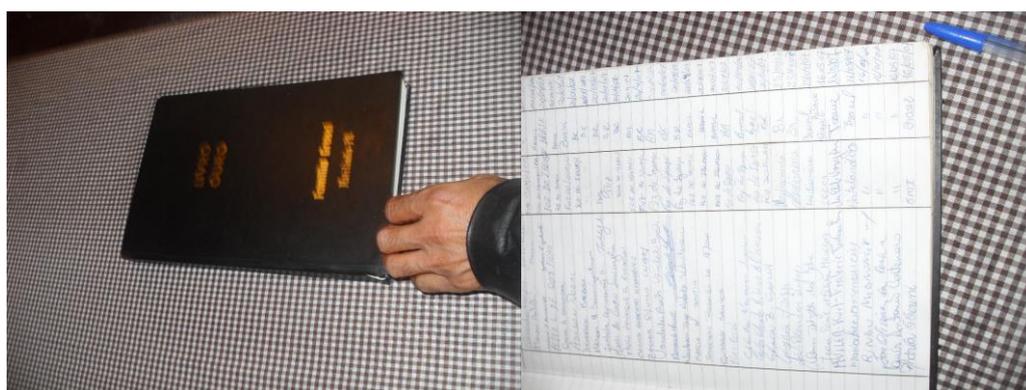


Figura 05: Livro registro de turistas da Família Grassi
Fonte: autores do artigo, 2013.

Na esfera cultural, a união das famílias em manter a tradição na culinária e na produção de vinho é marcante.



Figura 06: Produção de vinho colonial e culinária produzida na Família Grassi
Fonte: autores do artigo, 2013.

Para fortalecer ainda mais a prática a integração das famílias faz com que todos cooperem e os resultados cada vez sejam melhores.

Porém existem ameaças que foram mencionadas e consideradas na análise da matriz no aspecto econômico, relacionado à estrutura das propriedades que eles disponibilizam limitando a receber mais turistas. O senhor Z. B. 40 anos, explica que a gestão é participativa e democrática *“cada um tem seu preço, todos sabem quanto vai ganhar, do café, da hospedagem, das refeições. A gente tem um livro caixa onde registramos tudo, e nos reunimos sempre antes de receber um grupo de visitantes e depois para fazer uma avaliação e tratar das coisas financeiras”*.

Pondera se ainda, a falta de domínio da língua estrangeira e acessibilidade no local, uma vez que recebem turistas estrangeiros, e a prática rural é considerada uma excelente alternativa de recuperação para pessoas doentes ou portadoras de alguma deficiência física. Aponta-se na entrevista o fator climático, pois quando chega à estação do inverno o movimento diminui, fazendo com que a renda também sofra variações.

Todos os segmentos do mercado sofrem variações por interferências internas ou externas, cabe ao gestor do processo identificar e fortalecer as práticas positivas e melhorar as fragilidades. Considerando que a prática do TRAF está em constante evolução e expansão, estudos realizados pelo Instituto de Desenvolvimento do Turismo Rural com patrocínio do SEBRAE, apresenta o Panorama Empresarial do Turismo Rural Brasileiro 2010, onde aponta para a fortificação do setor visto o crescimento mundial.

A Organização Mundial do Turismo estima que o Turismo Rural seja um segmento com grande potencial e se calcula que pelo menos 3% de todos os turistas do mundo orientam suas viagens para este segmento. A mesma fonte indica que o Turismo Rural apresenta um crescimento anual de aproximadamente 6%, o que denota uma



nova tendência global, onde o turista não mais deseja ser um mero expectador de sua viagem, mas sim, o protagonista, que efetivamente vivencia experiências únicas. (SEBRAE, 2010)

Ainda SEBRAE (2010), informa que no Brasil, este é o segmento que mais cresce, cerca de 30% ao ano. Segundo, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, só a atividade equestre movimentava 21 milhões de turistas ao ano e esta, segundo os Indicadores Paulista de Turismo Rural, representa somente 4,9% dos do Turismo Rural. O Brasil, mundialmente, encontra-se na quarta posição quanto ao desenvolvimento da atividade do Turismo Rural, superado apenas para Espanha, Portugal e Argentina, respectivamente. São Paulo é o maior destino de Turismo Rural no Brasil, com 122 municípios que possuem produtos rurais em crescimento extraordinário nos últimos anos, porém novos destinos apresentam-se com destaque pelo empreendedorismo como é o caso do Rio Grande do Norte e Piauí.

Considera-se também como uma ótima oportunidade a atividade turística para as pequenas propriedades rurais, que poderão agregar valores sócio-econômico-culturais, pois esta não exige uma economia de escala, onde a visão empreendedora, a criatividade, o empenho familiar e o desejo de sobrevivência com dignidade no campo superam as dificuldades iniciais de qualquer novo negócio. (SEBRAE, 2010)

No desenvolvimento sustentável desta atividade relativamente nova nota-se a necessidade de planejamento sistemático e coordenação de ações integradas, um programa de Educação Ambiental permanente envolvendo entidades e instituições que possam contribuir para a profissionalização do Turismo Rural Brasileiro.

5. CONCLUSÃO

É importante destacar o potencial do local para ampliações futuras, as práticas por eles desenvolvidas, a atenção ao meio ambiente é evidente em cada família do circuito.

Dentro dos estudos realizados sobre a metodologia participativa, ficou evidente na prática como isso ocorre poder realizar as entrevistas, conhecer o processo de gestão destas propriedades, nos apresenta limitadores e forças que são trabalhadas e aprimoradas diariamente, conforme todos os relatos mencionados.

Nesta perspectiva os dados apresentados pelo SEBRAE no Encontro de Negócios Oportunidades para 2014, em Recife no ano de 2011, reforça o mercado do turismo rural, onde o Ministério do Turismo (2011) informa que considerando o indicador de turistas, o Brasil receberá aproximadamente 600 mil turistas para a Copa do Mundo, cada um deles deve gastar em média R\$ 11,4 mil em solo brasileiro.

Ao referir-se sobre a aplicação da ferramenta de diagnóstico participativo, considera-se que ao tratar dos pontos positivos do estudo o mais citado foi a identidade do turismo rural como instrumento de reforço da riqueza e da diversidade da beleza do meio rural e da cultura local. Já os frágeis mais destacados expõem as principais dificuldades de uma atividade relativamente nova, demonstrando de modo geral a importância do planejamento, da gestão dos empreendimentos e da ação integrada entre a iniciativa pública e privada, buscando o aprimoramento e a profissionalização do turismo rural.

Assim, a experiência vivenciada fez com que os mestrandos conseguissem identificar a prática interdisciplinar e aprimorar seus conhecimentos, uma vez que o processo de ensino aprendizagem está baseado em uma compreensão de que o saber é constituído por conhecimentos e vivências que se entrelaçam de forma dinâmica, distante da previsibilidade das ideias anteriores e alunos e professor detentores de experiências próprias, que são aproveitadas no processo.



6. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável. Emater/RS – ASCAR. Vol. 5, n. 2 (2001). Porto Alegre: EMATER/RS – ASCAR, 2001.
- ALVES, Ywanoska Gama. **Educação: discursos e reflexões interdisciplinares**. Recife: Baraúna, 2008.
- ASSEN, Marcel Van. **Modelos de gestão: os 60 modelos que todo gestor deve conhecer**. 2ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 5ª ed. Campinas: Papirus, 1999.
- BERTOLINI, G.F.; BRANDALISE, L. T.; NAZZARI, R. K. (orgs). **Gestão das unidades artesanais na agricultura familiar: uma experiência no Oeste do Paraná**. 2ª ed. Cascavel: Edunioeste, 2010.
- BOOG, Gustavo G. **Manual de treinamento e desenvolvimento: processos e operações**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo rural: orientações básicas**. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.
- Brasil. Ministério do Turismo. **Turismo rural: orientações básicas**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Agricultura do Estado do Paraná. Programa de turismo rural no Paraná. Disponível em <<http://www.agricultura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=164>>. Acesso em: 22 abr. 2013. Horário: 09h00.
- CARMO, R.B.A. A Questão Agrária e o Perfil da Agricultura Brasileira 1999. Disponível em <<http://www.cria.org.br/gip/gipaf/itens/pub/sober>>. Acesso em: 19 abr. 2013. Horário: 12h50.
- CARNEIRO, Maria José, *et. al.* **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. 2ª ed. Tradução de *Our common future*. 1988. Rio de Janeiro: FGV, 1991.
- ECORODOVIAS. **Turismo rural na agricultura familiar: Circuito Sabiá**. Revista Mensal. Curitiba, ano 3 nº 26 abril 2013.
- EHLERS, E. **Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma**. 2ª ed. Guaíba: Agropecuária. 1999.
- FREITAS, H. *et. al.* O método de pesquisa *survey*. **Revista de administração**. São Paulo. V. 35, n. 3, jul./set. 2000.
- GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.



- GONÇALVES, J. S.; SOUZA, S. A. M. Agricultura familiar: limites do conceito evolução do crédito. Artigos: políticas públicas. Instituto de Economia Agrícola Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=2521>>. Acesso em: 25 mar. 2013. Horário: 22h30.
- GUANZIROLI, C.; CARDIM, S. E. (Coord.). Novo Retrato da Agricultura Familiar: O Brasil redescoberto. Brasília: Projeto de Cooperação Técnica FAO/INCRA, fev/2000. 74 p. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/fao/pub3.html>>. Acesso em: 25 mar. 2013. Horário: 23h40.
- KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**: Um tratamento conceitual. Trad. Helena Mendes Rotundo. São Paulo: EPU/EDUSP, 2006.
- KUMMER, L. **Metodologia participativa no meio rural**: uma visão interdisciplinar conceitos, ferramentas e vivências. Salvador: GTZ, 2007.
- LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.
- MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa acadêmica de marketing**: uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**: didática. São Paulo, v. 26/27, 1990/1991, p. 149-158.
- MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing**: edição compacta. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- Ministério do Turismo. Turismo Rural. Disponível em <http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/estruturacao_segmentos/rural.html>. Acesso em: 22 abr. 2013. Horário: 18h20.
- PISONI, Estela Maris. **A educação ambiental e gênero como instrumento do desenvolvimento rural no município do RS**. Porto Alegre, 2009. *Dissertação Mestrado em Desenvolvimento Rural da UFRGS*.
- RUAS, Elma Dias *et. al.* **Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável**: MEXPAR. Belo Horizonte, março 2006.
- RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SEBRAE. **Guia PETR**: Panorama Empresarial de Turismo Rural 2010. Coordenação Geral SEBRAE. São Paulo, 2010. Disponível em <<http://www.idestur.org.br>>. Acesso em: 20 abr. 2013. Horário: 15h20.
- SENAR. Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. **O programa empreendedor rural**. Curitiba: SEBRAE/PR e SENAR/PR, 2003.
- SILVA, Edna Lúcia da.; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4ª ed. Ver. Atual. Florianópolis: UFSC, 2005.
- SOARES, Edvaldo. **Metodologia científica**: lógica, epistemologia e normas. São Paulo: Atlas, 2003.
- TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.



WANDERLEY, M.N.Baudel. A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção. **Reforma Agrária**, Campinas, v.25, n. 2/3, p. 37-47,1995.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3ª ed. São Paulo: Bookman, 2003.

ZONIN, Wilson João. **Transição agroecológica**: modalidades e estágios na Região Metropolitana de Curitiba. Wilson João Zonin – Curitiba, PR. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Defesa: Curitiba. 2007.